

Versão Online ISBN 978-85-8015-093-3  
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE  
Artigos

2016

# EDUCAÇÃO EMANCIPADORA E ENSINO DE FILOSOFIA A PARTIR DA TEORIA CRÍTICA DE THEODOR ADORNO

Manoel Simões Neto<sup>1</sup>  
Antonio Tadeu Campos de Bairros<sup>2</sup>

## Resumo

Destaca-se nesse artigo o estudo sobre algumas referências conceituais da teoria crítica de Adorno, possíveis de serem consideradas no ensino de filosofia para uma educação emancipadora. Nesse sentido, tomo como referência principal a obra *Educação e Emancipação* e procuro relacioná-la com as *Diretrizes Curriculares da Educação Básica/PR*. A partir do diagnóstico feito com essas referências, se procura fazer uma reflexão sobre a condição de sujeitos inseridos num contexto histórico, onde há relações de dominação social. Daí a importância do ensino de filosofia, entendido sobre o prisma de uma educação emancipatória e seus desafios e estratégias na construção de sujeitos como agentes de transformações da realidade histórica e social. De modo sucinto, este artigo apresenta uma série de considerações e reflexões levantadas no Projeto de Intervenção, bem como no Caderno Pedagógico desenvolvido na escola durante o PDE 2016, na disciplina de filosofia, com a turma do 1º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Emílio de Menezes, no município de Araçongas. Assim, o ensino de filosofia será orientado para a contradição e para resistência e a construção de um projeto de sociedade mais humanizada. Esta proposta de investigação, contempla as explicações sobre as proposições do Caderno Pedagógico, refletindo acerca de sua aplicação, do desenvolvimento das atividades propostas, problematização do tema em questão, ressignificação de conceitos e planos de ações a partir das discussões e leituras efetuadas.

**Palavras-chave:** Teoria Crítica, Educação, Ensino de Filosofia, Emancipação e Democracia.

---

<sup>1</sup> Professor PDE do Estado do Paraná. Graduado em Filosofia, especialista em Filosofia Moderna e Contemporânea / Aspectos Éticos e Políticos (UEL), atualmente com padrão no Colégio Estadual Emílio de Menezes, no município de Araçongas - Pr. simoesmanoel@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Londrina (UEL). tadeu@uel.br

## Introdução

A experiência como professor de filosofia do ensino médio, em colégios públicos da rede estadual do Paraná, tem mostrado que os alunos, em geral, apresentam dificuldades consideráveis. São pertencentes de diferentes classes sociais e de diferentes arranjos familiares e com valores diferenciados, possuem modos de apreender o conhecimento com perspectivas diferentes em relação ao futuro. São assíduos na escola, mas dá-se a impressão que buscam um ambiente de encontros. Dominam a tecnologia com seus celulares, porém gastam seu grande tempo em redes sociais, com conversas triviais. Eles acham importante estudar, mas apresentam falta de concentração, dificuldades na leitura e interpretação de textos, em realizar compromissos, tais como a entrega de trabalhos. Muitos alunos observam uma situação crítica, o que lhes provoca desestímulo e falta de perspectiva em relação às suas vidas e ao futuro.

Somam-se a isso outros problemas de ordem pessoal, social e familiar, que comprometem o processo ensino-aprendizagem, uma vez que afloram na escola e no meio próximo a esta; comportamentos, tais como, agressividade, depressão, isolamento e desequilíbrio emocional.

A influência que os alunos, na sua maioria, crianças e adolescentes, sofrem do meio externo, como a mídia, por exemplo, tem-se revelado como fator preocupante. Além do entretenimento, em cenas comuns da TV, cinema e jogos de videogame, esses conteúdos quase sempre com cenas e imagens de violência, crimes, sexo, luxo, poder, sucesso, entre outras, podem assumir outro sentido no desenvolvimento de sua formação, principalmente quando lhes faltam limites e orientação da família.

Além de distúrbios do sono, sexualização precoce, sedentarismo, mau desempenho escolar e diminuição da interação social estão entre as prováveis consequências do excesso de tempo gasto em frente a uma tela. Embora a mídia não seja a única a determinar a formação dos jovens, certamente influencia os modos de agir, vestir, consumir, ou seja, impõe um padrão de se viver, que em seu conjunto constituem a ideologia dominante.

As considerações sobre a educação que a teoria crítica de Adorno indica a respeito da atualidade, mostra como a formação dos indivíduos está intensamente vinculada à uma sociedade ideologicamente burguesa. É essa lógica organizada da sociedade capitalista, que de fato tem transformado a consciência dos homens

evidenciando uma crise na formação cultural dos indivíduos. Os mecanismos de controle impostos de fora a todos e que modelam a formação das consciências configuram, na atualidade, um contexto de heteronomia, e que reduz a possibilidade de qualquer exercício de autonomia e liberdade dos indivíduos.

Numa sociedade em que as desigualdades e as opressões sociais se aprendem desde o nascimento e por toda a vida, os homens são alvos fáceis de manipulação ideológica. Para Adorno a própria organização atual do mundo se converteu em ideologia. “Ela exerce uma pressão tão imensa sobre as pessoas, que supera toda a educação”. (ADORNO, 1995, p. 143). A sociedade da heteronomia é entendida como “um tornar-se dependente de mandamentos, de normas que não são assumidas pela razão própria do indivíduo”. (ADORNO, 1995, p. 124).

Buscamos com esse trabalho, nos limites da disciplina de filosofia, possibilitar algumas reflexões sobre a tarefa de educar, definir qual formação se quer proporcionar a esses educandos de perfis tão variados, de tal forma que possamos contribuir para o tipo de participação que lhes caberá na construção de uma sociedade mais justa. Para essa finalidade, e considerando os diferentes perfis de alunos da escola pública, em sua maioria de origens mais humildes, na maioria vindos de áreas urbanas, outros das rurais, de origens étnicas e culturais tão diferentes, não podemos nos furtar do conhecimento do artigo 35, inciso III, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o qual afirma que é finalidade do ensino médio “o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”.

Um projeto educativo, nessa direção, precisa atender igualmente aos sujeitos, seja qual for sua condição social e econômica, seu pertencimento étnico e cultural e às possíveis necessidades especiais para aprendizagem. Essas características devem ser tomadas como potencialidades para promover a aprendizagem dos conhecimentos que cabe à escola ensinar, para todos. (SEEDPR, 2008, p. 15).

Para tanto, esse entendimento pode ser desenvolvido a partir do conceito de esclarecimento de Kant, tal como os desafios que a educação enfrenta num contexto de mudanças globais. Desse modo, ao pensar o ensino de filosofia, não podemos renunciar a compreensão expressa por Adorno de que “a exigência de

emancipação parece ser evidente numa democracia” (ADORNO, 1995, p. 169). Sendo assim, não há propriamente ofício filosófico sem sujeitos democráticos, e não há como atuar no campo político e cultural, concretizar a democracia quando se perde o poder de pensar, a capacidade de percepção e o uso autônomo da razão. O ato de pensar é um ato de desconstruir e reelaborar as informações, valores, práticas segundo sua própria experiência, livre de qualquer forma de hegemonia.

Para isso, reunimos aqui reflexões que Adorno considera importantes sobre os desafios e as estratégias para a condição de emancipação na educação, organizadas em três seções. Iniciaremos com a contextualização da heteronomia, onde forças exteriores impedem a formação de indivíduos autônomos. Em seguida, na segunda seção, refletiremos sobre o exercício de filosofar em nosso cotidiano como possibilidade de atender uma carência em nossa sociedade por sujeitos livres e autônomos: uma exigência de esclarecimento para a autonomia. Na terceira seção, chamaremos a atenção para as dimensões importantes do trabalho desenvolvido junto aos alunos, professores e parcerias que construímos no desenvolver do projeto. Finalizamos refletindo sobre as possibilidades de uma educação voltada para a resistência e emancipação, evidenciando modestamente os resultados e compromissos alcançados nesta empreitada.

## **1. O contexto atual de heteronomia**

O tema explorado no debate entre Adorno e Becker, transmitido pela Rádio de Hessen da Alemanha em setembro de 1966, em torno da questão Educação – para quê?, organizado na obra *Educação e Emancipação*, faz menção à educação e ao papel do professor e são discutidos com base em apontamentos sobre os verdadeiros fins da educação, cujo a questão principal está em “para onde a educação deve conduzir?”. (ADORNO, 1995, p.139).

Adorno no início do debate se refere à educação concordando com Becker sobre o que aconteceu na Alemanha, mostrando que uma educação de qualidade deve ser priorizada quando se leva em consideração um planejamento educacional quantitativo. Para ele se faz urgente a discussão “o que é” e “para que educação”.

Constata-se uma problemática, ou seja, a impossibilidade de encontrar o entendimento e o objetivo educacional, comenta Adorno, fazendo referência a Hegel. A compreensão desses conceitos “formação” e “educação” era compreensível em si mesmo devido a totalidade de uma cultura, nas palavras do próprio Adorno:

Houve tempos em que esses conceitos, como dizia Hegel, eram substanciais, compreensíveis por si mesmos a partir da totalidade de uma cultura, e não eram problemáticos em si mesmos. Mas hoje tornaram-se problemáticos nestes termos. No instante em que indagamos: "Educação — para quê?", onde este "para quê" não é mais compreensível por si mesmo, ingenuamente presente, tudo se torna inseguro e requer reflexões complicadas. E sobretudo uma vez perdido este "para quê", ele não pode ser simplesmente restituído por um ato de vontade, erigindo um objetivo educacional a partir do seu exterior. (ADORNO, 1995, p.140).

Assim, o ponto onde o objetivo educacional era evidente, já não existe mais, essa situação de inocência, foi perdida. Agora se pretenderia, equivocadamente, resgatar o objetivo educacional através de uma ideologia por novos modelos ideais, explicitado por Georg Picht. E Becker acrescenta que a educação tem muito mais em declarar a respeito do comportamento no mundo do que intermediar para nós alguns modelos ideais pré-estabelecidos.

De sua parte, Adorno não vê com bons olhos os modelos ideais na educação e destaca que o conceito de modelo ideal, pode ser considerado como heteronomia. Ele indaga: “É de se perguntar de onde alguém se considera no direito de decidir a respeito da orientação da educação dos outros”. (ADORNO, 1995, p. 141). A esse tipo de educação é que se opõe a exigência de homens livres, autônomos e emancipados, que Kant já exigia da superação da auto-inculpável minoridade.

Dentro desse quadro, a construção da individualidade não está consolidada em planos coletivos embasados na efetivação das diferenças e no convívio democrático, mas, ao contrário, na supressão do outro e até em casos extremos na exclusão do outro.

Adorno aponta tudo aquilo para o qual os métodos educacionais devem subtrair, demonstrando que a educação deve dar-se sempre em prol da emancipação e da autonomia, originando finalidades humanas e reflexivas sobre si mesma. A educação jamais deve ser autoritária e tirana do indivíduo, nem provocar a

competição ou fortalecer a frieza humana. Assim, ela deve ter antes de tudo papel de formação humana e reflexiva.

Segundo Adorno, o modelo ideal, autoritário, que é imposto a partir do exterior, ou, em outras palavras, a heteronomia, se relaciona com a total negação da identidade e a uma falsa ideia de indivíduos, formados por uma padronização de consciências. Tais influências e implicações produzidas por uma indústria cultural na formação dos pensamentos e ações dos indivíduos acaba gerando falsas consciências.

(...) a organização social em que vivemos continua sendo heterônoma, isto é, nenhuma pessoa pode existir na sociedade atual realmente conforme suas próprias determinações; enquanto isto ocorre, a sociedade forma as pessoas mediante inúmeros canais e instâncias mediadoras, de um modo tal que tudo absorvem e aceitam nos termos desta configuração heterônoma que se desviou de si mesma em sua consciência. É claro que isto chega até às instituições, até à discussão acerca da educação política e outras questões semelhantes. (ADORNO, 1995, p.181-182).

A constatação de Adorno é que existem mecanismos geradores de menoridade em nossa sociedade que formam adultos que nunca conseguiram ser completos, e um desses mecanismos é o conceito de função, ou seja, um padrão social de comportamentos e atitudes que se perpetuam entre os homens que não são aqueles que eles mesmo deveriam ser, não conseguem ter uma própria identidade.

Adorno considera repugnante a versão normativa de conceito de papel, afirmando que é preciso contrapor-se a ele com vigor. Nas palavras de Adorno:

Talvez se possa ver o problema da menoridade hoje ainda ... pouco conhecido. (...) A sociedade é 'dirigida de fora', ela é 'heterônoma', as pessoas aceitam com maior ou menor resistência aquilo que a existência dominante apresenta à sua vista. Como se aquilo que existe precisasse existir dessa forma. (ADORNO, 1995, p. 178).

Nesse passeio pelos pensamentos de Adorno, um projeto de educação destaca-se: o princípio de uma verdadeira consciência, fundamental para a política onde pessoas não só vivem em comunidade seguindo regras, como também, participam na criação de suas próprias regras que operam seu funcionamento, característica essencial para o exercício da democracia. As ideias exteriores que

não se originaram de uma consciência emancipada, segundo Adorno são antidemocráticas, autoritárias.

Numa democracia, quem defende ideais contrários à emancipação, e, portanto, contrários à decisão consciente independente de cada pessoa em particular, é um antidemocrata, até mesmo se as ideias que correspondem a seus desígnios são difundidas no plano formal da democracia. As tendências de apresentação de ideais exteriores que não se originam a partir da própria consciência emancipada, ou melhor, que se legitimam frente a essa consciência, permanecem sendo coletivistas-reacionárias. Elas apontam para uma esfera a que deveríamos nos opor não só exteriormente pela política, mas também em outros planos muito mais profundos. (ADORNO,1995, p. 142).

É possível de se verificar na prática, que a juventude devido a uma carência quase que natural no período da adolescência, deseja modelos ideais. Adorno percebe nesse ponto um princípio necessário na prática educacional, por uma demanda de esclarecimento da consciência justamente em relação a esta idade.

Para Adorno a ideia de emancipação, parece estar atrelada a uma dialética, que necessita encontrar-se em suas reflexões com uma prática educacional geradora de emancipação nos indivíduos. Nesta árdua tarefa de emancipação, dois pontos essenciais devem ser considerados, a saber: o primeiro é que no mundo em que vivemos, desde sempre, sofremos a pressão de uma ideologia dominante; o segundo está na problemática da adaptação. Emancipação está diretamente condicionado à conscientização de uma realidade continuamente em movimento, portanto, para não cair em modelos, a proposta de Adorno aceita o que é inevitável, mas opõe-se ao quadro geral da adaptação.

A prática educacional deve equipar o indivíduo para orientar-se no mundo e visar ao esclarecimento da consciência do homem em um procedimento dialético que deve ser iniciado nos seus primeiros anos de vida.

Dito com muita simplicidade: seria preciso estudar o que as crianças hoje em dia não conseguem mais apreender: o indescritível empobrecimento do repertório de imagens, da riqueza de imagens sem a qual elas crescem, o empobrecimento da linguagem e de toda a expressão. (ADORNO,1995, P.146).

Porém, a emancipação traz implícito uma ambiguidade a saber: tal adaptação no mundo, não pode gerar a perda da individualidade e as qualidades pessoais. Reunindo desta maneira, princípios da educação que devem levar em conta a

manutenção da individualidade e ao mesmo tempo sustentar uma educação que leve em conta o outro. “ A educação seria impotente e ideológica se ignorasse o objetivo de adaptação e não preparasse os homens para se orientarem no mundo”. (ADORNO, 1995, p. 143).

Mas ao mesmo tempo impõe-se equipar o indivíduo de um modo tal que mantenha suas qualidades pessoais. A adaptação não deve conduzir à perda da individualidade em um conformismo uniformizador. Esta tarefa é tão complicada porque precisamos nos libertar de um sistema educacional referido apenas ao indivíduo. Mas, por outro lado, não devemos permitir uma educação sustentada na crença de poder eliminar o indivíduo. E esta tarefa de reunir na educação simultaneamente princípios individualistas e sociais, simultaneamente — como diz Schelsky — adaptação e resistência, é particularmente difícil ao pedagogo no estilo vigente. [...] quem deseja educar para a democracia precisa esclarecer com muita precisão as debilidades da mesma. Eis um exemplo de como nossa educação constitui necessariamente um procedimento dialético, porque só podemos viver a democracia e só podemos viver na democracia quando nos damos conta igualmente de seus defeitos e de suas vantagens. (ADORNO, 1995, p. 144).

Adorno propõe uma reflexão histórica ao demonstrar que o papel da educação deveria estar direcionado para o fortalecimento da resistência a um mundo que impõe aos indivíduos uma forma dolorosa de identificação com seu agressor, e não apenas de adaptá-los. Assim, já na primeira infância a educação deve ser voltada para uma crítica da realidade.

Adorno chama atenção para o fato de que um dos graves problemas que enfrentamos hoje está na inaptidão da experiência, que se deve ao fato de nossa aprendizagem passar por um processo formal e ordenado de camadas estereotipadas, interpostas ao indivíduo de tal forma que prejudicam sua experiência imediata da realidade. Em outras palavras, na inaptidão da experiência estaria implícita a relação inconsciente que se estabelece com a realidade.

Mas se adquirirmos essa experiência mediante um processo, ele próprio por sua vez ordenado, torna-se duvidosa a mesma profundidade da experiência. Não pretendo especular nesta oportunidade acerca dessa questão, mas apenas chamar a atenção para um ponto nevrálgico. (ADORNO, 1995, p. 147).

O problema então se mostra explicitamente: como gerar a aptidão à experiência, uma vez que é por ela que se reinstaura a qualificação da reflexão ou seja, a conscientização e a dissolução dos mecanismos repressores?

## 2. A exigência de esclarecimento e autonomia

Sem a pretensão de esgotar o tema e direcionando nossa abordagem para a próxima temática, torna-se possível visualizar que, através das reflexões de Adorno, acima citadas, se faz necessário o exercício do pensar urgentemente em nosso cotidiano como possibilidade de atender uma carência em nossa sociedade. Trata-se da carência de sujeitos autônomos e livres, capazes de analisar, criar, comparar, elaborar conceitos além do estabelecido, do já pensado, do que está pronto. É a consciência segundo Adorno, o pensar, que corresponde à capacidade de fazer experiências intelectuais.

Este sentido mais profundo de consciência ou faculdade de pensar não é apenas o desenvolvimento lógico formal, mas ele corresponde literalmente à capacidade de fazer experiências. Eu diria que pensar é o mesmo que fazer experiências intelectuais. Nesta medida e nos termos que procuramos expor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação.(ADORNO, 1995, p.151).

Adorno propõe em sua teoria crítica, “a exigência de emancipação através da educação no desenvolvimento da democracia” (ADORNO, 1995, p.169). E que se possa pensar como a educação pode contribuir para a formação de uma verdadeira consciência democrática, desenvolvendo habilidades para o trabalho coletivo e colaborativo para melhoria da qualidade de ensino, em que a maioria vive desigualdades sociais como um fato natural.

Para tanto, Adorno retoma a proposta kantiana de emancipação, anunciando a necessidade de se resgatar o que Kant desenvolveu a partir do conceito de esclarecimento, tal como os desafios que a educação enfrenta num contexto de mudanças globais. Nesse sentido, é fundamental ter em vista que a construção de um sujeito racional e livre é a condição de possibilidade de uma sociedade democrática.

Certamente, Kant não utiliza a palavra emancipação e sim o termo ‘esclarecimento’ (*Aufklärung*), cujo significado é o de um processo emancipatório do homem frente à ignorância, ou seja, esclarecimento é a possibilidade dos homens de se tornarem livres, emancipados. E ao fazerem o uso público da razão, atingem efetivamente a maioria intelectual frente ao obscurantismo reinante.

A constatação de Adorno ao retornar a Kant é que existem mecanismos geradores de menoridade em nossa sociedade, que formam adultos que nunca conseguiram ser completos. A menoridade, segundo Kant, estaria na incapacidade de usar a razão de forma autônoma, ou seja, na incapacidade dos homens de se servirem do próprio entendimento de forma autossuficiente.

No ensaio “Resposta à Questão: o que é esclarecimento?”, de 1783, Kant determina:

*Esclarecimento é a saída do homem da menoridade pela qual é o próprio culpado. Menoridade é a incapacidade de servir-se do próprio entendimento sem direção alheia. O homem é o próprio culpado por esta incapacidade, quando sua causa reside na falta, não de entendimento, mas de resolução e coragem de fazer uso dele sem a direção de outra pessoa. Sapere aude! Ousa fazer uso de teu próprio entendimento! (KANT, 2010, P.407).*

Ao responder à pergunta o que é esclarecimento, Kant responde também o que é a modernidade. Ter a coragem de fazer uso de seu próprio entendimento, sair da menoridade e ser esclarecido, acentua a dificuldade de entrar na maioridade. Esse processo não é somente uma passagem histórica, como se fosse um trajeto histórico. Essa situação pode estar acontecendo por que a história não é alguma coisa que transcorre por ela mesma, mas sim através dos indivíduos que a fazem. Portanto, se não ousarmos e fazermos uso da capacidade racional, a emancipação não acontecerá. A culpa da menoridade talvez não tenha sido inteiramente redimida, e, portanto, o estado de tutela não tenha sido superado. Está aí a importância da relação entre modernidade e autonomia, o homem moderno autônomo corresponde à realidade de todos nós que estamos nessa experiência moderna. Os homens, de modo geral, ainda não são esclarecidos, dado que se deve considerar o esclarecimento do ponto de vista de uma dinâmica histórica.

Um desses mecanismos determinantes da heteronomia é o conceito de função, ou seja, um padrão social de comportamentos e atitudes que se perpetuam entre os homens, que não são aqueles que eles mesmo deveriam ser e que impede a formação da identidade. Adorno considera repugnante a versão normativa de conceito de papel, afirmando que é preciso contrapor-se a ele com vigor. Nas palavras de Adorno:

Talvez se possa ver o problema da menoridade hoje ainda por um outro aspecto, talvez pouco conhecido. De uma maneira geral afirma-se que a

sociedade, segundo a expressão de Riesman, 'é dirigida de fora', que ela é 'heterônoma'..., como também Kant o faz de um modo bem parecido no texto referido, as pessoas aceitam com maior ou menor resistência aquilo que a existência dominante apresenta à sua vista e ainda por cima lhes inculca à força, como se aquilo que existe precisasse existir dessa forma. (ADORNO, 1995, pág. 178).

Surge uma consciência falsa de massa, formada por bens culturais neutralizados e petrificados levados a desenvolver valores imediatos de consumo. Assim, a indústria cultural agora se encarrega de entreter o tempo livre do trabalhador, fazendo consumir seus produtos culturais, negando uma formação cultural e promovendo uma falsificação cultural que Adorno nomeou de semiformação. No texto Educação e emancipação, Adorno retoma o problema da exigência da emancipação para a constituição de uma sociedade efetivamente democrática:

A exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia. Para precisar a questão, gostaria de remeter ao início do breve ensaio de Kant intitulado 'Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?'. Ali ele define a menoridade ou tutela e, deste modo, também a emancipação, afirmando que este estado de menoridade é auto-inculpável quando sua causa não é a falta de entendimento, mas a falta de decisão e de coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem. 'Esclarecimento é a saída dos homens de sua auto-inculpável menoridade'. Este programa de Kant, que mesmo com a maior má vontade não pode ser acusado de falta de clareza, parece-me ainda hoje extraordinariamente atual. A democracia repousa na formação da vontade de cada um em particular, tal como ela se sintetiza na instituição das eleições representativas. Para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento. (ADORNO, 1995, p.169).

É o pensar livre e rigoroso que permite alguém determinar o que é ou não é correto de ser feito em determinada situação. Uma democracia que se preze, se sustenta no aprendizado do pensamento aberto, do próprio entendimento; por outro lado, quem segue o pensamento de outrem, poderá ser conduzido à truculência? Como se nota, fica evidente que uma educação para emancipação também é uma educação contra atrocidades. A educação emancipatória não pode ser pensada destituída de seu sentido político. A própria emancipação é uma condição política. Pensar o ensino de filosofia a partir da teoria crítica de Adorno, é pensar os pressupostos da construção do esclarecimento, entendidos na figura daqueles que não querem viver tutelados, menores, onde a liberdade ainda é apenas uma promessa ilusória.

A formação de uma racionalidade política esclarecida deve ser a intenção de um projeto emancipatório. E efetivada por meio de uma prática reflexiva engajada em cada indivíduo, que deve pensar em suas ações pessoais e coletivas sempre com um olhar para o futuro em que o ponto de referência seja a emancipação.

Encerro essa seção com a citação das Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Paraná (DCEBPR), na proposta para o Ensino de Filosofia para uma Educação Emancipatória, onde verificamos:

Desta perspectiva, propõe-se que tais conhecimentos contribuam para a crítica às contradições sociais, políticas e econômicas presentes nas estruturas da sociedade contemporânea e propiciem compreender a produção científica, a reflexão filosófica, a criação artística, nos contextos em que elas se constituem. (SEEDPR, 2008, p.14).

### **3.Exercícios para a autonomia**

Considerando como pano de fundo a teoria já apresentada anteriormente o projeto desenvolveu modestamente algumas práticas metodológicas para o ensino da filosofia, organizadas no formato de um “Caderno Pedagógico”, com os alunos matriculados no 1º ano do ensino médio, no Colégio Estadual Emílio de Menezes, pertencente ao núcleo de Apucarana. Tais práticas ocorreram durante o 1º semestre do ano letivo de 2017.0

Procuramos promover junto aos alunos discussões e investigações a respeito do ensino de filosofia a partir da teoria crítica de Theodor Adorno para uma educação emancipadora através de ações didáticas fomentada por leituras, pesquisas e discussões em grupo, bem como trazer para a grande discussão as contribuições de outras áreas do conhecimento, principalmente os docentes de Língua Portuguesa, Artes e Sociologia.

Com a intenção de realizar uma avaliação diagnóstica da turma, quanto ao que já conheciam sobre o tema da indústria cultural, propusemos uma atividade escrita, sobre suas experiências em uma sociedade capitalista, seus desejos, sonhos, motivações, angústias e medos. Em sala de aula, promovemos uma breve discussão com os alunos sobre o que eles entendem que sejam as ilusões do

cotidiano e quais seriam as principais características dessa sociedade no qual vivemos.

Iniciamos com a temática sobre as transformações que se deram com a utilização dos avanços tecnológicos em relação à sociedade. Discutimos como a cultura tecnológica acabou se incorporando ao comportamento humano, nos tornando automáticos e robotizando nossas vidas.

A questão que levantamos junto aos alunos é se já não estamos vivendo como máquinas, apenas executando funções rapidamente, de forma eficaz e não refletida. Propusemos uma reflexão sobre os objetos tecnológicos e os comportamentos considerados comuns em nossa sociedade, tais como: uso do celular, mp3, máquina fotográfica, marcas famosas, consumo, etc.; sobre mudanças de comportamentos ou até mesmo no comportamento que se espera que tenhamos no uso desses objetos no cotidiano. O debate foi caloroso e uma das questões suscitadas, foi, se o desejo de ter esses objetos era espontâneo ou impostos pela mídia?

Uma outra atividade foi analisarmos a canção “Admirável Chip Novo” de autoria da cantora Pitty. A música solicita a individualidade e uma rejeição a tentativas de controle e alienação humana, fato que a compositora explorou criando uma metáfora de robô para o ser humano.

Durante essas atividades percebemos que os alunos demonstraram interesse em investigar o assunto, situação que os levou a estudarem historicamente de que forma se deu o desenvolvimento e as transformações tecnológicas em nossa sociedade. O surgimento de um pensamento dominante na modernidade, cujo fim era atender as necessidades do homem leva a cabo a dominação e a exploração da natureza.

Em outra atividade proposta, na forma de debate e desenvolvimento de dissertações, realizamos uma reflexão sobre os fins da ciência e quais as consequências desmedidas da ação humana sem um controle ético. Outra questão colocada foi a de que com o avanço tecnológico nossas capacidades de conhecer, imaginar e interagir, não desfaz desigualdades sócio econômicas, mas reforça tensões sociais e que se presta ao fim último de mercantilizar a vida.

A proposta de ação articulada junto aos alunos também visou considerar a possibilidade de desvincular o controle que a mídia tem sobre nossos hábitos, gostos e necessidades. Daí, então, surgiu então a proposta de buscar outras

formas de interagir sem as influências da mídia. Mas como fazer isso onde grande parte de nossas ações são criadas pela indústria cultural, no caso mais comum pela interferência da tv e rádio? Um projeto que oferecesse sustentação naquilo que é mais essencial aos indivíduos, que permitisse experimentarem pensar por si próprios, experimentarem criar imagens originais e não já pré-estabelecidas e orientadas de fora.

Daí um projeto de leitura chamado Círculo do Livro, onde os alunos por adesão se propuseram a escolher livros e se comprometeram a ler e contar para os demais colegas de classes suas experiências com a história do livro. Como o próprio nome do projeto era Círculo do Livro, o desafio estava em fazer circular as mais variadas histórias e assuntos que viessem a ser interessantes aos alunos.

A proposta seguinte do caderno pedagógico foi uma introdução à problemática dos interesses que controlam a comunicação de massa, cuja influência em nossas vidas, tem um papel decisivo sobre o posicionamento que temos diante do mundo e das coisas. Esta atividade permitiu discutir com os alunos as consequências da indústria cultural, que Adorno e Horkheimer constataram nos indivíduos, tais como a perda de autonomia e da atitude reflexiva. E que isso os torna presa fácil da ideologia industrial e dos meios de comunicação. Sem autonomia, as pessoas consomem imagens, discursos e “educação”, num processo “formativo”, sem refletir criticamente sobre seus efeitos.

Na sequência, a partir de uma conversa em sala de aula, levantamos alguns questionamentos sobre os costumes e hábitos dos indivíduos, que geraram vários posicionamentos por parte dos alunos. Permitimos que os alunos trocassem entre si as impressões que receberam, e que, a partir disso, construíssem caminhos para investigar as questões que mais interessassem.

Direcionamos logo em seguida os temas que foram aparecendo, como gosto pelo mesmo estilo de música, vestuário, religião, alimentação, habitação, diversão, etc. Os alunos passaram a sistematizar as experiências de reflexão a partir das discussões dirigidas em sala. E a partir dessa sistematização, estabelecemos uma linha de pesquisa, por meio da qual aprofundamos, juntamente com o professor de sociologia, os conceitos de cultura, cultura popular, cultura erudita e indústria cultural.

Dentro desse tema da indústria cultural propusemos a análise de músicas que hoje são tidas como “grandes sucessos” segundo a mídia. O objetivo desta atividade

era tratar dos temas supracitados à luz dos conceitos legados pelos filósofos de Frankfurt, procurando perceber como a indústria fonográfica transformou a música de uma das formas mais autênticas de expressão dos sentimentos humanos em mero produto da indústria do entretenimento, algo com prazo de validade, vendável e proporcionador de prazer momentâneo.

Para tanto, foram utilizados como recursos didático/metodológicos fragmentos de textos filosóficos, bem como o material produzido para este fim no caderno pedagógico que tratou do tema (videoclipes de vários estilos musicais que mostrem ou não este processo ocorrido com a música). No final realizamos um debate sobre o tema que foi sistematizado e entregue como avaliação.

Ao trabalhar este tema, os alunos compreenderam a arte como um fenômeno social que não está isento das tendências mercadológicas, e que embora trate das aspirações, inquietações e sentimentos humanos, é também uma produção humana, que não estando isolada da sociedade, acaba virando um produto, seja por interesses mercadológicos, pela uniformização do gosto, dos comportamentos ou pela própria sobrevivência do artista.

Como proposta de ação junto ao tema exposto e para o desenvolvimento de um exercício de emancipação foi convidado um músico para falar em nossa escola, tanto de músicas eruditas como popular, mas que fugisse de exposições de sucesso do momento. Também procuramos motivar os alunos a frequentarem outros ambientes, como teatro e apresentações de músicas eruditas e orquestradas em nossa cidade. Organizamos junto com um importante músico de nossa cidade o convite para uma aula e apresentação musical, onde nossos alunos pudessem ouvir e experimentar a música tocada no violão. O tema da aula foi a história do violão. A experiência foi um sucesso e todos tiveram uma boa impressão do que escutaram.

Outra atividade que foi muito bem dirigida aos nossos alunos, teve como parceria a disciplina de artes, onde algumas músicas com letras críticas sobre vários temas foram apresentados aos alunos a fim de escutarem e emitirem suas interpretações sobre o assunto ali discutido, dentre eles alguns como: preconceito, saúde, educação, entre outros.

Em outro momento, analisamos a degradação da formação cultural a partir da primeira metade do século XX. Para isso, recorreremos dentre os principais pensadores da teoria crítica a Max Horkheimer e Theodor Adorno. O principal objetivo dessa unidade foi o de analisar a formação da consciência de massa, a qual

é formada por meio dos produtos coisificados e padronizados pela racionalidade técnica e difundidos pela indústria cultural. Refletimos como se deu a formação das massas sob a égide do capitalismo, sem, contudo, garantir a formação de um indivíduo crítico, reflexivo e emancipado. Assim, a análise sobre formação dos indivíduos se deu sobre dois conceitos básicos da teoria crítica, “indústria cultural” voltado para o consumismo, e “semiformação” como forma de alienação.

Como atividade motivadora de reflexão lemos a poesia “Eu, etiqueta” de Carlos Drummond Andrade. Percebemos que a formação do indivíduo para o consumo vem desde a primeira infância e se estende por toda uma vida. A pressão que a sociedade exerce nos indivíduos é absurda.

Ouvimos a canção de Zé Ramalho “Admirável Gado Novo” e refletimos sobre a letra da canção, percebendo as dificuldades que o povo, ou melhor dizendo, a massa popular tem em se desvincular da opressão. Aprofundamos o conceito de formação cultural e semi-formação de Adorno, além de fazer atividades de leitura com o material.

Na proposta de ação, foram realizados encontros em contraturnos no Colégio para assistir alguns filmes, documentários e depois da exposição abrir para debate sobre os pontos principais de cada filme. Apesar de alguns alunos não poderem participar, foi muito gratificante perceber que muitos alunos desejam aprofundamento nos temas que estudamos e que é promissora a atividade direcionada à reflexão sobre os filmes assistidos. Dentre os filmes e documentários que assistimos e debatemos está “A história secreta da obsolescência planejada” e “A história das coisas”.

Para finalizar, propusemos a criação de elementos para reconstruir os principais conceitos que Adorno utiliza em sua teoria crítica, considerando que “a exigência de emancipação parece ser evidente numa democracia” (ADORNO, 1995, p.169). E que se possa pensar como a educação pode contribuir para a formação de uma verdadeira consciência democrática, desenvolvendo habilidades para o trabalho coletivo e colaborativo para melhoria da qualidade de ensino, em que a maioria vive desigualdades sociais como um fato natural.

A ação que buscamos direcionar nossos alunos, foi para a introdução de excerto de texto filosófico (entre 15 e 30 linhas), funcionando como referencial teórico para pensar alguma demanda específica, ou realizar o aprofundamento necessário na reflexão. O aluno passou a perceber que o texto filosófico propicia

uma abertura de horizonte, oxigenando a reflexão e promovendo um aprofundamento para o estudante. Esse contato desenvolve diretamente o cuidado com o conhecimento e com a linguagem, atributos fundamentais para o desenvolvimento do sujeito emancipado.

No final do projeto foi realizado um seminário onde os alunos destacaram os momentos em que se sentiram mais confortáveis com os conteúdos e propostas de atividades, o que foi importante para realização das ações, e se realmente conseguiram transformar de alguma maneira sua realidade.

## **Conclusão**

Frente ao diagnóstico de um quadro de heteronomia, podemos notar que nossas angústias e dificuldades se aproximam do repensar nossas práticas docentes como uma das tarefas enquanto professores de filosofia.

Nosso principal objetivo foi investigar os pressupostos da teoria crítica de Adorno sobre educação e emancipação, com o propósito de verificar os desafios e estratégias sobre a possibilidade do ensino de filosofia para a autonomia dos sujeitos, criando assim uma condição básica para a compreensão e interpretação crítica da realidade.

Dentre os objetivos específicos que buscamos estavam: a criação de um material de apoio sobre os textos a serem trabalhados, como forma estratégica para desenvolver o pensamento crítico. Foi criada a possibilidade aos alunos de problematizar e investigar, tanto por meio da expressão oral, quanto da produção escrita e/ou artística, através de materiais didáticos. Assim como encorajar os alunos, a pensarem por si mesmos, constantemente e a elaborar suas ideias de forma consciente e crítica. Também foi possível oferecer uma contribuição no desenvolvimento de habilidades para o trabalho coletivo e colaborativo, para a formação de uma verdadeira consciência democrática e para melhoria da qualidade de ensino. Se desenvolveu a leitura e interpretação de textos filosóficos, bem como o estabelecimento de relações entre conceitos e os aspectos da experiência particular, vivida pelos alunos.

No caso específico de nosso projeto, temos consciência que fazer uma educação filosófica voltada para o desenvolvimento de indivíduos emancipados é

um processo que se desenvolve ao longo da vida da pessoa, e que, desse processo, poderemos em certa medida acompanhar no máximo três anos, se tivermos a sorte e o empenho de trabalhar com as mesmas turmas. Por essa razão a escolha de iniciarmos o projeto com os 1ºanos do ensino médio, pois, talvez desta maneira, possamos marcar positivamente a vida destes educandos.

Os resultados ainda que humildes, puderam ser constatados a partir das estratégias planejadas, dentre as quais destacamos: leitura de livros e textos filosóficos, atividades escritas, da oralidade, audição de música erudita, exposição de filmes. E se permitiu aos estudantes a percepção de que as estruturas sociais modelam nossas ações e que é possível intervir para minimizar tais influências. Eles puderam constatar, descrever, contestar, reconstruir, e interpretar as mais variadas situações de massificação de produtos culturais (literários, musicais, teatrais, visuais, televisivos, etc.), que identificaram em seu cotidiano.

Foram partilhados junto da escola reflexões sobre a necessidade de um projeto multidisciplinar, principalmente entre as disciplinas de Filosofia, Sociologia, Artes e Português (literatura), com o objetivo de ampliar a visão dos alunos sobre os temas estudados. E de maneira mais ampliada, a divulgação do projeto via GTR foi importante, pois a partir dela tivemos a oportunidade de interagir e conhecer a opinião de colegas de diversas partes do Estado, onde os professores puderam opinar sobre o material produzido e demonstrar a sua relevância para a escola pública.

Também foi possível apresentar o projeto, por meio do convite do coordenador da disciplina de filosofia do Núcleo de Apucarana, na Formação em Ação Disciplinar em Arapongas para 16 professores, todos com formação em filosofia, onde puderam conhecer e analisar o trabalho de intervenção pedagógico desenvolvido no PDE, no qual se mostraram bem interessados com a proposta do material.

Para concluir, lembramos que a escola não pode ficar alheia à sociedade, posto ser ela formadora de opinião, sendo justamente este o ponto forte da Instituição Escolar, mas que está fragilizada. É sabido historicamente que governos que servem às classes dominantes não apoiam uma educação que de fato contribua com o desenvolvimento crítico e emancipatório do educando. Em face desse desafio, cabe a nós educadores, mesmo que sem apoio, buscar alternativas para contrabalancear essa falta de perspectiva diante da realidade assustadora em que

vivemos. A esperança pelos efeitos benéficos que desejamos aos nossos alunos com este projeto é que sejamos meros ajudantes na eterna busca daquilo que nunca teremos por completo, mas nem por isso cessaremos um só instante de buscá-lo, isto é, do conhecimento voltado para o desenvolvimento da autonomia.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

ADORNO, T.W. **Educação e Emancipação**. Trad. de Wolfgang Leo Maar. *In: Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995a.

\_\_\_\_\_. **Educação após Auschwitz**. Trad. de Wolfgang Leo Maar. *In: Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995b.

\_\_\_\_\_. **Educação: para quê?** Trad. de Wolfgang Leo Maar. *In: Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995b.

LASTÓRIA. Luiz A. Calmon Nabuco (org.). **Teoria Crítica, Ética e Educação**. Organizado por Luiz A. Calmon Nabuco Lastória, Belarmino Cesar Guimarães da Costa e Bruno Pucci. Piracicaba/Campinas, Editora UNIMEF/Editora Autores Associados, 2001.

MARÇAL, Jairo (org.) **Antologia de Textos Filosóficos** Curitiba: SEED-Pr., 2009.  
PUCCI, Bruno (org.), et al. **A Educação Danificada: contribuições à teoria crítica da educação** – Petrópolis, RJ: Vozes; São Carlos, SP: Universidade Federal de São Carlos, 1997.

PUCCI, Bruno (org.), et al. **Teoria Crítica e Educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt** – Petrópolis, RJ : São Carlos, SP: EDUFISCAR, 1994. – (Ciências sociais da educação)

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares Orientadoras da Educação Básica para a Rede Pública Estadual do Paraná. Filosofia**. Curitiba: Seed/DEB, 2008.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6028: **Informação e documentação – Resumo - Apresentação**. Rio de Janeiro, 2003.  
PARANÁ: SEED. **Documento Síntese PDE**. 2016.

PARANÁ. **Programa de Desenvolvimento Educacional - PDE**. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>. Acesso em 06/06/2016.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ. **Periódicos e Artigos de Periódicos.**  
Curitiba: Editora UFPR, 2000.